



BULLYING NA EDUCAÇÃO BÁSICA DE CODÓ NARRADO PELAS PRÓPRIAS VÍTIMAS

José Carlos Aragão Silva ¹
Cristiane Dias Martins da Costa ²
Alex de Sousa Lima ³

RESUMO

O presente trabalho é resultado da interpretação dos depoimentos das vítimas de *Bullying* na Escola Integrada Municipal Senador Alexandre Costa, no município de Codó, Maranhão. A coleta das narrativas foi realizada pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – PIBID, no ano de 2019, a partir dos encontros semanais com os discentes da escola, promovidos pelo subprojeto “*Bullying* e violência no ambiente escolar: estratégias interdisciplinares na formação de professores para o enfrentamento dessa realidade nas escolas de Codó-MA”. O objetivo foi conhecer os tipos de *Bullying* que mais ocorriam na escola foco e o perfil das vítimas desse tipo de violência que acomete diversas crianças da educação básica do município. A metodologia utilizada para conseguir os depoimentos das vítimas foi antecedida de encontros e rodas de conversas acerca do tema. Essa medida facilitou as conversas individuais que foram feitas posteriormente pelos bolsistas com as vítimas de *Bullying* para a coleta de seus depoimentos. As crianças envolvidas nesse processo estão na faixa etária dos 11 aos 14 anos, o que corresponde àqueles que frequentam a escola do 6º ao 9º ano. Os casos relatados e analisados pela pesquisa são de meninos e meninas que sofreram com a violência do *Bullying*, muito embora as meninas tenham sido as que aparecem com mais frequência como vítimas de outras meninas e meninos, podendo ainda ser *alvo*, *alvo/autor*, *autor* e *testemunha*. O *alvo* é o indivíduo que não tem condições de se defender. O *alvo/autor* é aquele que reproduz os maus-tratos sofridos em alguém mais frágil que ele, fazendo aumentar o número de vítimas. O *autor* é aquele que vitimiza os mais fracos, estando numa situação de superioridade. A *testemunha* é aquela que não participa diretamente do *Bullying*, mas presencia as agressões e cala-se por medo de ser a próxima vítima (FERNANDES; YUNES; TASCETTO, 2017). O silêncio das vítimas e testemunhas encobrem o duelo em que um se subordinará ao mais forte dada a inexistência de intervenção ou supervisão de pessoas adultas (ROCHA; COSTA; PASSOS NETO, 2013). Essa situação foi evidenciada por uma aluna que preferia sempre ficar na sala de aula para não ouvir os constantes insultos de: gorda! gorda! Fato que aos olhos de alguns parecia normal. A interpretação dos casos de *Bullying* pautou-se pela reflexão qualitativa dos dados à luz das reflexões de Antunes e Zuin (2008), Fante (2005), Fante e Pedra (2008), Fernandes, Yunes e Taschetto (2017), Pereira (2002), Rocha, Costa e Passos Neto (2013), Zequinão et al (2016), Becker e Kassouf (2016), entre outros autores que nos ajudaram na compreensão do conceito do fenômeno, como ele ocorre, os tipos de *Bullying*, o perfil das vítimas e a ocorrência dessa violência no ambiente escolar. Assim, com base nesses referenciais, a pesquisa constatou que o medo tem sido um dos fatores que favorece o *Bullying* na escola Senador Alexandre Costa e as vítimas mais comuns são aquelas que têm características que as diferem ou sobressaem das demais, tanto no corpo quanto na forma de se comportar entre os pares. Observou-se ainda que, como ocorre em outras instituições de ensino, os casos de *Bullying* acontecem desde o primeiro dia de aula. Fato que levou uma discente que narrou o seu sofrimento a se perguntar: “por que eles não gostam de mim? O que fiz para eles?”. A escola para ela tornou-se um lugar desagradável que só após algum tempo foi atenuado pela sua compreensão de que ela poderia seguir sem a companhia daqueles que lhe importunavam. As consequências do *Bullying* para as crianças que narraram suas experiências ainda não podem ser conclusivas, mas algumas já foram possíveis de serem vistas nas marcas fixadas no corpo de uma dessas vítimas que passou a se mutilar por conta dos constantes ataques que sofria na escola. A violência do

¹ Doutor em História pela UnB, Docente da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, jose.aragao@ufma.br;

² Doutora em Educação pela UFMG, Docente da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, cristiane.dmc@ufma.br;

³ Doutor em Geografia pela UFMG, Docente da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, alex.lima@ufma.br;



Bullying não está desligada da violência cotidiana que passam dezenas de crianças pobres em seus lares no município de Codó, Maranhão. O autor do Bullying na escola é também no seu dia a dia uma vítima da perversa desigualdade social que permeia a realidade de milhares de famílias codoense que, estabelecidas nas periferias da cidade, conhecem bem a linguagem da violência que os cerca secularmente.

Palavras-chave: Bullying, Educação Básica, Vítimas.

INTRODUÇÃO

“Gorda!”, “gorda!”, “gorda!” são palavras usadas por colegas de turma para atingir na alma uma menina de 13 anos da Escola Integrada Municipal Senador Alexandre Costa. “Orelhas de rato” é outro adjetivo pejorativo utilizado com frequência para ofender e maltratar psicologicamente outra menina da mesma escola. Apelidos como esses são comuns nas escolas da educação básica do país, do Maranhão e, inegavelmente, do município de Codó. Essa prática tem um nome que já se tornou conhecido mundialmente e mais recentemente tem sido discutido com frequência nas escolas do Brasil, chama-se *Bullying*.

O significado dessa denominação deriva da palavra inglesa *bully* cujo significado é brigão, mandão, valentão. O objetivo desse tipo de violência é humilhar e ridicularizar seu semelhante (ROCHA, COSTA e PASSOS NETO, 2013), embora alguns possam dizer que é “coisa de criança” ou “não passa de uma brincadeira”, como ouviu a menina que foi reclamar à direção da escola por ser sempre chamada de “orelhas de rato”. O que a direção não atentou é que, o que pode parecer um simples apelido inofensivo pode afetar emocionalmente a criança alvo das ofensas (FANTE, 2005; FANTE e PEDRA, 2008).

No que concerne a essa situação de não intervenção da direção, cabe salientar que, apesar de existirem pesquisas que mostram quase sempre a intervenção dos professores nos casos de *Bullying* contra meninos e meninas, Zequinão et al., (2016) observou em sua investigação acerca do tema que 42,9% dos meninos e 51,3% das meninas disseram que os professores nunca ou quase nunca fazem nada para impedir que um aluno faça mal ao outro. Esse autor e os demais que participaram de sua pesquisa ainda apontaram que 62,1% dos meninos e 64,1% das meninas afirmam o mesmo sobre os funcionários na escola.

A quantificação quanto ao apoio dos professores da escola não foi possível de ser realizada por essa pesquisa, assim como não foi possível determinar o número de crianças afetadas emocionalmente pela violência do *Bullying* na Escola Integrada Municipal Senador Alexandre Costa, tendo em vista que nem todas falam e outras abandonam a escola antes de se detectar o problema. Contudo, a partir do subprojeto do Programa Institucional de Bolsas de

Iniciação a Docência (PIBID) “*Bullying* e violência no ambiente escolar: estratégias interdisciplinares na formação de professores para o enfrentamento dessa realidade nas escolas de Codó-MA” foi possível dialogar com algumas vítimas que sofreram agressões por conta do peso; das orelhas pequenas; das orelhas grandes e pontudas; ou simplesmente por ser negra; por ser menina; ou ainda por conta da religião de matriz africana, cuja vítima era chamada de “a menina que baixa espírito”.

A necessidade de investigar sobre esse fenômeno na escola em discussão foi para conhecer e interpretar os tipos de *Bullying* que mais ocorriam na instituição e o perfil das vítimas desse tipo de violência, dado o fato de que a violência na escola é um fator preocupante que pode ser canalizado para a sociedade. De fato, Becker e Kassouf (2016), a partir das pesquisas Farrington (1990) apontam que 57% dos homens, com idade de 32 anos, identificados como agressivos na faixa de idade entre 8 e 10 anos foram condenados por algum tipo de crime, enquanto que, os indivíduos que não apresentaram agressividade na infância, esse percentual foi de 31%.

As narrativas das crianças que sofreram *Bullying* na Escola Senador Alexandre Costa estão cheias de significados e de memórias traumáticas, o que fez com que os depoimentos não fossem longos, mas ricos em detalhes que nem mesmo o silêncio das vítimas pode esconder. Assim, a interpretação das entrelinhas de suas falas revelam além da violência sofrida na escola, aquela que também são submetidas em seus bairros e em suas casas.

O que se constatou com a pesquisa é que o medo tem sido um dos fatores que favorece a prática do *Bullying* contra aqueles que são considerados vulneráveis na escola pesquisada. Ao medo estão associados outros elementos que não são diferentes do perfil das vítimas de *Bullying* noutras escolas. Na verdade, os discentes agredidos quase sempre são aqueles alunos mais novos, que têm poucos amigos, são passivos, retraídos, infelizes, pouco sociáveis, inseguros e que sofrem com a vergonha (ZEQUINÃO et al., 2016).

Outra constatação que chegamos ao interpretar as fontes é que as meninas são as principais vítimas de *Bullying* na escola Senador Alexandre Costa. Chamadas de “gorda”, “orelhas de rato”, “orelhas pontudas”, “de cabelo de bombril”, “menina que baixa espírito”, entre outros, essas meninas tem medo de sair da sala de aula para ir ao pátio no intervalo das aulas, tornando-se prisioneiras até que as aulas encerrem e seus alcosos tenham ido para suas casas.

Faz-se oportuno mencionar que desde a implantação do subprojeto do PIBID os professores e o corpo administrativo da escola tem engendrado ações para acabar com o *Bullying*. Não obstante, tanto o corpo docente e administrativo da escola, quanto nós

“Sempre sofri pelo meu cabelo e minha cor negra, ouvi muitos apelidos por conta da minha aparência, foi chamada de negra e cabelo de Bombril”. Atacada diversas vezes por seus colegas com palavras racistas, essa aluna se perguntava em vão: “o que fiz para merecer? É só por que sou negra? Só por isso?”.

A resposta que procura, no entanto, está num fenômeno que foi denominado, década de 1970, na Noruega, de *Bullying*. Oriunda da palavra inglesa *bully* que significa brigão, mandão, valentão, esse tipo de violência ganhou espaço no ambiente escolar e passou a ser conceituado também como um conjunto de comportamentos agressivos, físicos ou psicológicos, como chutar, empurrar, apelidar, discriminar e excluir (ANTUNES E ZUIN, 2008).

As razões para ocorrer o *Bullying* são as mais diversas, pois pode acontecer entre colegas sem motivação evidente e por repetidas vezes, onde um grupo de alunos ou apenas um aluno com mais força, vitimiza um outro que não consegue encontrar um modo eficiente para se defender (ANTUNES E ZUIN, 2008).

De acordo com Martins (2005), é possível identificar o bullying em três grandes tipos. Para a autora, o que se chama de *Bullying* pode ser dividido em: “diretos e físicos”, que inclui agressões físicas, roubar ou estragar objetos dos colegas, extorsão de dinheiro, forçar comportamentos sexuais, obrigar a realização de atividades servis; “diretos e verbais”, que incluem insultar, apelidar, tirar sarro, fazer comentários racistas ou que digam respeito a qualquer diferença no outro; e “indiretos”, que incluem a exclusão sistemática de alguém, realização de fofocas e boatos, ameaçar de exclusão do grupo com o objetivo de obter algum favorecimento através da manipulação da vida social do colega.

Na educação básica é possível encontrar esses diferentes tipos de *Bullying*, contudo o que se evidenciou na Escola Senador Alexandre Costa foi tipo “direto e verbais” com o objetivo ferir e magoar a vítima (PEREIRA, 2002). Insultar, apelidar, tirar sarro e fazer comentários racista foram encontrado na maior parte dos depoimentos. “A menina que baixa espirito”, “cabelo de Bombril”, “cabelo ruim”, “cabelo de bucha”, foram apelidos dirigidos as meninas de pele mais escuras que as demais colegas, já que, no concerne a Codó, município de maioria preta e parda, brancos são uma pequena parcela da população.

Como já mencionamos anteriormente não se pode esquecer que fatores políticos, econômicos, sociais e culturais também influenciam e fazem parte do comportamento agressivo do indivíduo que pratica o *Bullying*. De fato, o *Bullying* não pode ser compreendido sem levar em consideração esses elementos que estão presentes na dinâmica da sociedade e no contexto social e familiar no qual as crianças e os adolescentes estão inseridos (ZEQUINÃO et al., 2016).

Com efeito, diante desses questionamentos nos veio também duas perguntas: o que a escola está fazendo para combater esse tipo violência no seu cotidiano escolar? Por que o problema persiste embora o subprojeto do PIBID já existisse há mais de um ano na escola? As respostas, no entanto, não são fáceis de encontrar tendo em vista a complexidade do fenômeno que se observa nessa discussão que aqui apresentamos.

Não obstante, a coragem que algumas vítimas encontraram para falar sobre o que sofriam revelou-se em algo interessante, assim como evidenciou os resultados das rodas de conversas sobre o *Bullying* na escola ao mostrar para os alunos e alunas que esse fenômeno é um tipo de violência que atinge profundamente as vítimas e torna a escola num lugar desagradável no qual a criança que sofre *Bullying* só frequenta porque é obrigada.

Os professores envolvidos mais diretamente no subprojeto do PIBID aparecem nos depoimentos como agentes no combate ao *Bullying* e estimuladores da autoestima das vítimas dessa violência. No depoimento da estudante chamada de “gorda”, pode-se encontrar palavras de apoio da professora que a acompanhava motivando-a para que não se sentisse inferior aos demais alunos da escola. Esse acompanhamento deu resultados que, conforme a docente, melhorou seu rendimento escolar e sua participação nas aulas.

Faz-se necessário ressaltar que a escola promove inúmeras atividades coletivas de integração entre os alunos, as quais envolvem as diversas áreas do conhecimento. Fato que pode explicar porque uma escola localizada na periferia da cidade de Codó, mantém um Índice da Educação Básica (IDEB), referente ao ano de 2019, próximo de 5,0, sendo 4,3 para os anos iniciais (1º e 5º) e 4,4 para anos finais (6º e 9º ano), mesmo com o elevado grau de vulnerabilidade que durante esse período de pandemia do Novo Coronavírus tornou-se mais explícito dada as dificuldades de dezenas de alunos de acompanharem as aulas remotas por falta de internet e celular para assistirem as aulas.

As consequências do *Bullying* para as crianças que narraram suas experiências não são conclusivas, tendo em vista que as vítimas ficam sujeitas a uma condição de risco que pode levar o indivíduo a apresentar desordens psicológicas, sociais e cognitivas de diversos níveis (FERNANDES; YUNES; TASCHETTO, 2017). Contudo é possível considerar que romper a barreira do silêncio já é um grande passo no enfrentamento dos traumas que podem ter sido adquiridos ao longo do período em sofreram *Bullying*.

Ressalte-se, ainda, que a violência do *Bullying* não é o principal desafio na vida dos estudantes da Escola Senador Alexandre Costa. De fato, a convivência com a violência da fome, da falta de saneamento, de atendimento médico, de emprego, de moradia digna, entre outros

bens essenciais, fazem do fenômeno do *Bullying* apenas um pequeno problema entre esses enfrentados cotidianamente por diversas famílias cujos filhos são assistidas pela escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O caso relata a história de uma menina doce, inteligente e decidida”. Foi com essas palavras que o pibidiano que coletou o depoimento da menina que era chamada de “gorda” pelos seus colegas de escola a descreveu.

Doçura, inteligência, decisão, foram qualidades que os colegas de escola não conseguiram ver na menina que hostilizavam constantemente por conta de seu físico. Ela também não se revelou a eles, preferindo manter-se distante para evitar mais insultos e sofrimentos causados pelo apelido que lhe provocava dor. Como essa estudante, outras que compartilhavam do mesmo sofrimento também ficaram desconhecidas em suas qualidades e habilidades para aqueles que não conseguem/iam ver alguém além das margens estreitas de seus próprios preconceitos.

Interpretação das narrativas de *Bullying* na Escola Senador Alexandre Costa também nos permitiu perceber que a escola enquanto instituição formadora ainda tem grandes desafios para superar. Um deles é encarar que o *Bullying* não é um problema que ocorre apenas dentro da escola por conta de desentendimentos entre estudantes que querem submeter aqueles que consideram mais fracos as suas vontades, mas um reflexo revelador de nossa sociedade autoritária, machista, violenta e misógina, cujas raízes ainda não foram cortadas.

Inegavelmente, a violência do *Bullying* não está desligada da violência cotidiana que passam dezenas de crianças pobres em seus lares no município de Codó, Maranhão. Na verdade, o autor do *Bullying* na escola é também no seu dia a dia uma vítima da perversa desigualdade social que permeia a realidade de milhares de famílias codoense que, estabelecidas nas periferias da cidade, conhecem bem a linguagem da violência que os cerca secularmente.

REFERÊNCIAS .

ANTUNES, Deborah Christina; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 1, p. 33-42, abr. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000100004>. Acesso em: 25 set. 2019.



BECKER, Kalinca Léia; KASSOUF, Ana Lúcia. Violência nas escolas públicas brasileiras: uma análise da relação entre o comportamento agressivo dos alunos e o ambiente escolar.

Nova Economia, v. 26, n. 2, p. 653-667, mai./ago. 2016. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/0103-6351/2591>. Acesso em: 25 set. 2019

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Versus Editora, 2005.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FERNANDES, Grazielli; Maria Angela Mattar YUNES; Leonidas Roberto TASCHETTO. Bullying no ambiente escolar: o papel do professor e da escola como promotores de resiliência. **Revista Sociais & Humanas**, Santa Maria/RS, v. 30, n. 3, p. 141-154, ago./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/27701/0>. Acesso em: 24 set. 2019.

FARRINGTON, D. P. Childhood aggression and adult violence: Early precursors and later life outcomes. In: PEPLER, J; RUBIN K. (Ed.). **The development and treatment of childhood aggression**. Toronto: Psychology Press, 1990. p. 5-25.

MARTINS, Maria Jose D. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 18, n. 1, p. 93-115, jan. 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37418106>. Acesso em 28 set. 2019.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma escola sem violência**: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

ROCHA, Moana Oliveira; COSTA, Carmen Lucia; PASSOS NETO, Irazano. Bullying e o papel da sociedade. **Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais**, v. 1, n. 16, p. 191-199, mar. 2013. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/534/259>. Acesso em: 26 set. 2019.

ZEQUINÃO, Marcela Almeida et al. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado.

Educação e Pesquisa, v. 42, n. 1, p. 181-198, jan./mar. 2016. Disponível em:

<http://www.educacaoepesquisa.fe.usp.br/wp-content/uploads/2016/04/Educação-e-Pesquisa-v42-n1-2016.pdf>. Acesso em: 24 set. 2019.